

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA DE SINAIS PARA SURDOS NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE AND SIGN LANGUAGE FOR THE DEAF IN SPECIALIZED EDUCATIONAL SERVICES

Nathália Scalabrine Rocha  <https://orcid.org/0000-0001-6624-9165>
Programa de Pós Graduação - Mestrado Profissional em Ensino para a Educação Básica
Instituto Federal Goiano Campus Urutaí
nathaliascalabrinee@gmail.com

Cinthia Maria Felício  <https://orcid.org/0000-0002-8362-2846>
Programa de Pós Graduação - Mestrado Profissional em Ensino para a Educação Básica
Instituto Federal Goiano Campus Urutaí
cinthia.felicio@ifgoiano.edu.br

Leticia de Sousa Leite  <https://orcid.org/0000-0002-6335-0118>
Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Uberlândia
leticiadesousaleite@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10530705>

Recebido em 08 de março de 2023

Aceito em 20 de agosto de 2023

Resumo: O presente estudo busca refletir sobre o ensino de línguas para surdos no atendimento educacional especializado com o enfoque na mediação pedagógica. Quanto ao quadro teórico-metodológico houve a revisão bibliográfica da temática de estudo, quais sejam os textos que elucidam sobre a mediação como o processo social que reflete e colabora para a maturação dos processos mentais superiores, e também os estudos sobre o ensino de línguas para surdos no Atendimento Educacional Especializado. Partimos dos estudos de Vygotsky para subsidiar a importância da mediação social e da linguagem no desenvolvimento cognitivo. No que se refere à educação de surdos, os trabalhos de Godoi, Vera e Daxemberg, nortearam nossas discussões. Buscamos estabelecer algumas reflexões sobre o processo de escolarização dos alunos surdos, em específico o ensino de línguas no contexto do Atendimento Educacional Especializado, sendo elas a língua portuguesa e a língua brasileira de sinais. Por fim, volvemos nosso olhar para a mediação pedagógica, no processo educacional do aluno surdo e a influência das teorias de Vygotsky na prática docente. Como resultado da pesquisa, entendemos que a teoria vygotskyana pode contribuir significativamente para a educação de surdos, uma vez que critica a imposição da metodologia oralista para esses alunos, além de reconhecer já em sua época, a mímica e o gestual como formas de comunicação dos surdos.

Palavras-chave: Ensino de línguas para surdos. Atendimento Educacional Especializado. Mediação pedagógica.

Abstract: The study seeks to reflect on language teaching for the deaf in specialized educational services with a focus on pedagogical mediation. As for the theoretical-methodological framework, there was a bibliographical review of the study theme, namely, the texts that elucidate on mediation as the social process that reflects and collaborates for the maturation of higher mental processes, and also studies on language teaching for the deaf in Specialized Educational Assistance. We are guided for studies by Vygotsky with regard to the education of the deaf, the works of Godoi, Vera and Daxemberg, guided our discussions. We seek to establish some reflections on the schooling process of deaf students, specifically language teaching in the context of Specialized Educational Assistance, namely Portuguese and Brazilian Sign Language. Finally, we turn our attention to pedagogical mediation, in the educational process of the deaf student and the influence of Vygotsky's theories in teaching practice. As a result of the research, we understand that the Vygotskian theory brought significant contributions to the education of the deaf, since it criticizes the imposition of the oralist methodology for these students, in addition to recognizing Sign Language as a form of communication for the deaf.

Keywords: Language teaching for the deaf. Specialized Educational Service. Pedagogical mediation.

1. Introdução

Neste estudo, objetivamos buscar refletir sobre o processo de mediação pedagógica pela prática docente no ensino de línguas para alunos surdos no contexto do Atendimento Educacional Especializado- AEE em escolas da Educação básica brasileira, compreendendo a primeira e segunda fase do ensino fundamental e o ensino médio.

Buscando na história, a educação dos indivíduos surdos habitou o espaço da educação especial, além de vistos como pessoas que não aprendiam e não possuíam direitos civis, religiosos, políticos e demais. A visão dominante dos ouvintes enquanto maioria, sobre os surdos, como minoria linguística, incide na prática da oralidade forçada como um conjunto de representações dos ouvintes imposta aos surdos como se esses fossem ouvintes (Skliar, 2005). Quando as pessoas não têm acesso às informações sobre o que é a surdez e suas implicações, acabam por entender que o estigma do não-ouvir e do não se comunicar de forma oral, recairiam na concepção equivocada do não-pensar. Por consequência, muitos surdos foram e talvez ainda sejam considerados também problemas cognitivos e limitações /incapacidade de aprender.

Nesse contexto, os ouvintes tendem a se posicionar como superiores mediante a imposição de sua cultura e de sua língua aos surdos. em que a noção de que um é superior, se baseia unicamente em sua habilidade de ouvir ou se comportar da maneira de quem ouve. Considerando a trajetória excludente dos surdos no que se refere à sua diferença linguística e na suposta superioridade da sociedade oralizada como fruto da opressão a essa comunidade, o objetivo deste trabalho é discutir sobre o desafio contemporâneo da educação decolonial dos surdos e volvermos nosso olhar para a mediação pedagógica e a influência de Vygotsky na prática docente para o aprendizado de línguas no AEE para melhorias na comunicação e aprendizagem escolar em escolas bilíngues.

Quanto ao quadro teórico-metodológico, o estudo foi circunscrito na revisão bibliográfica da temática em estudo, quais sejam, alguns textos que buscam elucidar sobre a mediação como um processo social que reflete e colabora para a maturação dos processos mentais superiores, e também os estudos sobre o ensino de línguas para surdos no AEE.

A fim de buscar suporte à temática envolvida na presente pesquisa, nos ancoramos principalmente nas contribuições dos estudos de Vygotsky (1998, 2010, 2011, 2012), dentre outros autores. No que se refere à educação de surdos, os trabalhos de Godoi (2019), Vera e Daxemberg (2017), nortearam nossas discussões. Este trabalho se justifica pela importância de buscarmos maiores reflexões sobre o processo de escolarização dos alunos surdos, em específico o ensino de línguas no contexto do atendimento educacional especializado e/ou escolas inclusivas.

2 Percorso metodológico

Tomamos como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica para nos conduzir às reflexões propostas sobre o ensino de línguas para surdos e ainda, sobre a mediação pedagógica e a influência dos estudos de Vygostky na prática docente. Nesse sentido, conforme considera Severino (2016, p. 106), “Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Para conseguir um bom embasamento teórico, ainda que de maneira sucinta, nos ancoramos em estudos voltados para a Língua Brasileira de Sinais – Libras, realizado uma confluência com a modificação em suas propriedades mecânicas sobre o assunto, com autores renomados e com proeminência de conteúdo.

Em relação à pesquisa bibliográfica, Marconi e Lakatos (2012) afirmam que esse tipo de pesquisa coloca o pesquisador em contato direto com o que foi escrito e planejado no estudo através das fontes pesquisadas. Primeiramente, foi escolhido o tema, devido à importância jurídica e social de um plano de manejo. Ademais, foi efetuado um plano de estudo sobre a estrutura do artigo científico, em concomitância a delimitação dos objetivos. Para isso foram utilizados livros, revistas, relatórios, teses e demais pesquisas que convergem aos elementos que regem ao tema assistido.

A seguir, apresentamos a fundamentação teórica que trouxe a presente discussão.

3 Desenvolvimento

A partir dos estudos de Vygotsky (1998, 2010, 2011, 2012), entendemos o desenvolvimento cognitivo como o processo de captação e absorção das informações na formação intelectual. Para tanto, o desenvolvimento cognitivo não pode ser entendido sem trazer a referência ao contexto social, histórico e cultural que o indivíduo está imerso. Assim, para que tal desenvolvimento se torne significativo, a mediação e a exposição às experiências se fazem imprescindíveis.

Ao se tratar do sujeito surdo e como se dá sua aprendizagem, torna-se necessário compreender a importância que a linguagem exerce sobre esse sujeito e as interações mediadas nas vivências sociais, bem como estas interferem na constituição de cada indivíduo, além disso, é preciso compreender como essas interações e mediações são primordiais para o desenvolvimento cognitivo de cada um. Sobre o processo de aquisição de linguagem das crianças surdas, observamos com Vygotsky (2011, p. 868) que,

E, para a criança surda-muda, o mais importante, do ponto de vista do desenvolvimento cultural, é que a fala humana é garantida por um aparato psicofisiológico completamente diferente [...]. As crianças surdas-mudas, por si mesmas, desenvolvem uma língua mímica complexa, uma fala singular. É criada uma forma particular de fala não para surdos-mudos, mas construída pelos próprios surdos-mudos. É criada uma língua original, que se distingue de todas as línguas humanas contemporâneas mais profundamente do que estas entre si, pois ela retorna a mais antiga protolíngua humana, à língua dos gestos ou até mesmo só das mãos. (Vygotsky, 2011, p. 868).

A partir desse excerto, entendemos com Vygotsky que a forma de comunicação dos surdos é concebida como uma língua original, uma fala construída pelos surdos, e não para os surdos, utilizando os recursos visuais e gestuais de que dispõem. Ainda que o autor não discorra especificamente sobre a diferença de modalidade de línguas, buscamos refletir sobre esse aspecto, uma vez que ele pontua sobre a língua dos gestos. Assim, trazemos para essa reflexão a diferença das línguas orais, que são de modalidade oral e auditiva; das línguas de sinais, que são de modalidade visual e espacial. Com isso, observamos o quanto Vygotsky estava à frente de seu tempo ao compreender tais diferenças e ao reconhecer a forma de comunicação dos surdos como língua, uma maneira de se comunicar e interagir com outros sujeitos, uma forma específica de conhecer e apreender o mundo a sua volta.

Outra contribuição relevante dos estudos vygotksyanos diz respeito à forte crítica sobre a imposição da linguagem oral à criança surda. Em sua pesquisa, Vygotsky (2012, p. 341) elucida que,

O aluno não aprende a linguagem, mas somente a pronúncia das palavras; o desenvolvimento linguístico é inferior ao desenvolvimento geral; leva a criança a criar a própria linguagem – a mímica; a língua oral nada acrescenta aos surdos como instrumento de acumulação da experiência cultural e participação na vida social; inconsistente psicológica e pedagogicamente quando tenta formar palavras a partir dos sons e frases a partir das palavras. (Vygotsky, 2012, p. 341).

Uma questão que nos traz grande relevância nas ideias de Vygotsky (2010) é seu conceito de Zona do Desenvolvimento Proximal - ZDP ao considerar o papel da mediação de alguém mais experiente na realização de tarefas que ainda não consegue realizar sozinho, mas que vai alcançando autonomia com certo auxílio. Aspecto esse importante a ser considerado por todos aqueles que trabalham com a educação de alunos surdos instrumentalizados pela Libras como L1.

A surdez durante anos foi alvo de incompreensão o que legitimou a estigmatização dos surdos de diversas formas. Vistos como loucos por uns e até mesmo como doentes por parte da sociedade, até o século XV os sujeitos surdos foram considerados ineducáveis. Quanto a isso, Hall (2016, p.191) considera a estereotipagem como sendo uma prática de produção de sentidos que “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a diferença”, esse fenômeno coloca em prática uma estratégia que divide “o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida explode e expelle tudo o que não cabe, o que é diferente”, sendo desconsiderado seus direitos e sua essência. O autor afirma ainda que a estereotipagem possui outra característica que é a prática de fechamento e exclusão. A esse respeito, Hall (2016) esclarece que

A estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção de ordem social e simbólica. Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “outro”, entre “pessoas de dentro” (insiders) e “forasteiros” (outsiders), entre nós e eles. (Hall, 2016, p. 192).

Com base no contexto histórico, é possível identificar por meio de registros a luta constante e resistência dos surdos à imposição da colonialidade ouvinte. No Século XVI os primeiros educadores de surdos desenvolveram técnicas específicas pautadas na necessidade linguística dos alunos surdos. Infelizmente, eles não obtiveram notoriedade, uma vez que havia imposição por parte dos professores ouvintes. Um exemplo marcante como episódio fatídico na educação de surdos foi o Congresso de Milão, em 1880, que legitimou o oralismo. A fase oralista era totalmente contra a utilização dos gestos para a comunicação, este evento foi um marco responsável por cristalizar a supremacia do ouvir e do falar.

O reconhecimento que os surdos têm hoje é fruto de grandes batalhas pela afirmação da sua identidade, da sua língua, da sua cultura, dentre outros aspectos pautados em sua diferença linguística. A sociedade, como lugar comum de condutas, regras morais e científicas, é permeada por jogos do poder e saber que delineiam as maneiras de pensar e de ser. Na esfera social, o lugar de ser diferente é concebido à luz da colonialidade do poder.

Vygotsky (1998) defende que a formação dos processos mentais superiores, tais como a memória, a atenção, a percepção, a imaginação, as ações, as emoções, as vontades, as representações simbólicas e os conceitos, só serão efetivados por meio de instrumentos e signos. A partir disso, com a socialização e oportunidade oferecida, sendo ela direta ou indireta, por sujeitos que já estão expostos a tais conhecimentos, acontece a internalização do conhecimento.

Para a efetivação e o desenvolvimento das capacidades supracitadas, ao se tratar de estudantes surdos, a promoção de as ações educativas mediadas por práticas experientes se torna indispensável. Na concepção de Vygotsky, pautado pela observação e muitos estudos, propõe considerar as habilidades das crianças com deficiência para além do enfoque em suas limitações. A esse respeito, Luria

Diferentemente de muitos pesquisadores anteriores que estudavam a criança deficiente, Vigotsky concentrou sua atenção nas habilidades que tais crianças possuíam, habilidades estas que poderiam formar a base para o desenvolvimento de suas capacidades integrais. Interessava-se mais por suas forças do que por suas deficiências. (Luria, 2010).

Visto dessa maneira, o impacto de tal concepção na prática docente permite (re)significar a perspectiva de ensino, uma vez que se pauta nas habilidades da criança para além do estigma da deficiência que possa apresentar. Nesse caminho, é de fundamental importância considerar o papel do educador como mediador da aprendizagem e a valorização das habilidades pessoais de cada sujeito, único em sua natureza e especificidade. A esse respeito, os estudos de Vygotsky apontam que nesse processo de aquisição de conhecimento existe uma zona cognitiva chamada de zona de desenvolvimento potencial, sendo essa a mediação que possibilita ao educando desenvolver ações com auxílio de alguém experiente e apreender a partir de interações com outros sujeitos.

Para uma criança, apontar para um objeto pode ser uma tentativa inicial de pegá-lo. No momento em que há a interação social, facilitando o acesso a tal material, ela

começa a captar o processo e lhe dá significado social, reiterando que a internalização acontece por repetição, fazendo o intercâmbio de significados a medida que vivencia novas experiências e ressignifica os objetos a sua volta. Ao levar em conta o contexto escolar como ambiente profícuo para a criança construir sua bagagem cognitiva, em especial o aluno surdo, cabe destacar a respeito da atuação do profissional responsável pelo AEE no ambiente escolar.

Sobre esse assunto, o Decreto 7.611 de 17 de novembro de 2011 dispõe sobre a educação especial, o AEE e dá outras providências. O artigo 1º, Inciso I, determina que é dever do Estado garantir “um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades”. Para fins desse estudo, defendemos o AEE como ambiente de ensino que não proporciona ao aluno público-alvo aulas de reforço, mas sim, assume como objetivo o desenvolvimento das habilidades do educando, de forma a oferecer-lhe condições de participação no ensino regular, pautando-se nas premissas da inclusão social e da promoção do desenvolvimento da autonomia do ser humano.

No que concerne ao ensino de línguas para alunos surdos no AEE, Godoi (2019, p.8) elucida que,

Nas aulas de Libras, o aluno surdo aprenderá a língua de sinais em uso no sentido de ter acesso a sinais que circulam no contexto da sala de aula com ênfase nas terminologias e conceitos fundamentais das disciplinas da sala de aula. (...) além disso, a aula de Libras no AEE pode propiciar condições de um melhor acesso ao conhecimento por meio da leitura de textos na Língua Portuguesa escrita, em especial os textos trabalhados na sala regular de ensino. (GODOI, 2019, p. 8).

Esta colocação é importante para que possamos compreender como o AEE possui metodologias pedagógicas e ferramentas didáticas específicas, buscando tanto a adequação dos conteúdos curriculares já existentes, quanto a criação de dispositivos novos, relacionados, principalmente, à ludopedagogia. Esclarecemos ainda, sobre a relevância da mediação pedagógica se pautar nas necessidades linguísticas dos alunos surdos, reconhecendo a língua de sinais como forma de comunicação desses estudantes e possibilitando um processo ensino-aprendizagem que contemple e valorize a forma desse se comunicar e interpretar o mundo a sua volta.

Para aprender o português como segunda língua, é preciso antes considerar a existência de uma primeira língua, e no caso dos surdos brasileiros a Libras deveria cumprir esse papel. Em se tratando das línguas de sinais no aspecto geral, em uma época sombria para os surdos, eles foram privados da comunicação por meio dessa língua. Vale ressaltar que o Congresso de Milão não instaurou o início do oralismo, mas a sua legitimação oficial (Skliar, 2005a). Com isso, muitos surdos foram escondidos da sociedade, presos em suas próprias casas sem contato com o mundo exterior, em que tais fatos contribuíram sobremaneira para a perenização do processo excludente dos surdos.

A temporalidade desnuda mais uma faceta da complexidade do processo da resistência dos surdos às diferentes formas de opressão, em especial no que tange à sua especificidade linguística pautada no direito de aquisição da Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita. Por muito

tempo o olhar da sociedade voltado para os surdos sempre se pautou em uma visão de assistencialismo e deficiência. No entanto, Bauman; Bahan e Montenegro (2008) esclarecem que os surdos não se percebiam como vítimas passivas em face da opressão. Ao contrário, os autores afirmam que para cada ato de opressão contra os surdos sempre houve uma reação igualmente desafiadora.

No processo de mediação escolar existem algumas técnicas que podem auxiliar no processo do desenvolvimento cognitivo como atividades em grupos com o intuito de solucionar problemas, oficinas colaborativas e interdisciplinares, levando em consideração o processo da atividade e quais mecanismos foram estimulados e não somente no produto final. A esse respeito, Silva *et al.* (2018), elucidam que um arranjo metodológico através do qual a aprendizagem deriva da espontaneidade do ato de brincar, é uma técnica pedagógica que dá ênfase às características comportamentais humanas por meio de jogos e de atividades afins que estimulem o raciocínio e o desenvolvimento psicossocial do aluno.

O ensino se dá quando o estudante e o professor compartilham significados, sendo o professor participante que já internalizou os significados, e o surdo de alguma forma vivencia e atribui significados ao que captou, incorporando novos sentidos a experiência na relação social com os outros. Dessa maneira, concordamos com Godoi (2019), Verase Daxemberger (2017), em relação ao papel fundamental da língua de sinais na mediação pedagógica e na promoção da interação social do aluno surdo.

Nessa perspectiva, Moreira (2023) reforça que sem a interação social, ou sem o intercâmbio de significados, dentro da zona de desenvolvimento potencial, não há ensino e nem aprendizagem, portanto, não ocorre o desenvolvimento cognitivo. Assim, a teoria de Vygotsky se alinha ao construtivismo, no sentido de que os instrumentos, signos e sistemas de signos são construções sócio-históricas e culturais e a internalização no indivíduo é uma reconstrução interna em sua mente, a depender de suas experiências e do significado que essas interações vão adquirindo em sua vida na medida que interage e ressignifica suas vivências.

4 Considerações finais

A teoria vygotskyana apresenta contribuições importantes sobre o papel da estimulação e o uso de recursos na mediação de alguém mais experiente no processo de desenvolvimento cognitivo do sujeito. Nesse ponto, chamamos atenção para a importância dos professores regentes e profissionais do AEE buscarem a elaboração de recursos para que a criança surda seja favorecida no seu desenvolvimento e alcance de seu potencial, respeitando suas características. Outro aspecto importante é o alinhamento com o intérprete de Libras que faz o acompanhamento, pois muitas vezes se o aluno vem de um contexto de família ouvinte que desconhece a implicação da surdez no processo educativo e ainda, não se comunica por meio da língua de sinais, sendo necessária a busca de condições que promovam um acompanhamento melhor sistematizado. O papel do professor do AEE frente à demanda, precisa promover recursos e auxiliar no planejamento para que a estimulação visual forneça

os signos e assim, haja uma internalização dos possíveis significados e entendimento de suas implicações no processo de ampliação de ZDP, no sentido que ela seja capaz de interagir com o ambiente ouvinte que o cerca e dar sentido e significado a suas experiências.

Nessa direção, retomamos Godoi (2019) sobre o ensino de línguas no AEE para surdos ao considerar a Libras como língua de instrução, por ser mais adequada e contemplar a forma como o surdo vê e se comunica no meio em que vive. Com Vygotsky(2012), Moreira (2023), entendemos a importância da interação social para promover o intercâmbio de significados na vida pessoal de cada ser e no caso específico quando se trata de reconhecer a linguagem com forma de interação social e processo de intervenção inter e intrasubjetivo para a internalização da linguagem e comunicação com o outro. Assim, reiteramos a necessidade de que todo esse processo seja mediado pela Libras para significar a aprendizagem do estudante surdo e auxiliar seu desenvolvimento potencial.

Visto dessa maneira, a influência de Vygotsky na prática docente no intuito de potencializar os resultados e amenizar a lacuna da aprendizagem que ainda não aconteceu no contexto familiar, demanda conhecimentos da língua de sinais para que o processo educativo, por meio de gestos que ganham significado e pode alcançar a ZDP, modificando a estrutura cognitiva e se constituindo em desenvolvimento real, aquilo que antes da interação era apenas potencial de vir a ser, valorizando a cultura e a maneira que o surdo tem de se comunicar e interpretar o mundo a sua volta. Sendo muito importante que essa interação ocorra na língua natural do aluno surdo. Além disso, o planejamento da prática pedagógica deve conceber a identidade linguística, social e cultural da criança surda.

Desse modo, a aprendizagem da linguagem para a criança surda, sendo da modalidade de língua viso-espacial, se faz imprescindível que haja o acesso desde a mais tenra idade. Além de todas as experiências visuais possíveis para a plena fluência na língua e conhecimento de mundo, a partir da sua cultura e identidade surda significadas pela língua de sinais, por meio da oferta de instrumentos, concomitante a mediação de um sujeito mais experiente que respeita e busca auxiliar a valorizar as potencialidade de todos e o seu valor essencial, enquanto ser humano pleno. Tais aspectos são imprescindíveis para que a aquisição da língua de sinais como língua materna e a língua portuguesa em sua modalidade escrita, possam servir na comunicação e auxiliar no entendimento do mundo em que vive, se faz presente e é respeitado em considerado em suas diferenças.

Como resultado dessa pesquisa, enfatizamos a relevância dos estudos de Vygotsky para a mediação pedagógica no ensino de línguas para surdos no AEE, os processos de interação e intersubjetividade na internalização e apreensão do mundo, são consirados e subsidiam a criação de materiais e instrumentos, já que nessa perspectiva, o professor se configura como organizador do processo educativo. Na concepção de Vygotsky, o professor deve atuar mediando o processo educativo, de modo a impulsionar o desenvolvimento da personalidade humana consciente de seus aprendizes rumo a constituição no desenvolvimento dos processos mentais superiores e do pensamento crítico.

Por fim, entendemos que a teoria vigotskiana trouxe contribuições significativas para a educação de surdos, uma vez que critica a imposição da metodologia oralista, sendo os estudos de suas obras muito importantes para que a comunidade surda possa ter legitimidade e a sociedade democrática possa reconhecer a língua de sinais como forma de comunicação e aprendizagem dos surdos, nos processos de mediação social. Nesse sentido, a relevância dessa pesquisa aponta caminhos para um posterior estudo considerando a referida temática. Colocamos em relevo a importância da disseminação da cultura surda e dos seus artefatos culturais por meio da literatura surda como significativa contribuição para a educação bilíngue dos surdos como processo de luta decolonial para esses sujeitos. e como uma forma da sociedade valorizar e reconhecer a importância das diferenças em seu processo de inclusão e respeito ao ser humano.

Referências

BAHAN, B., BAUMAN H-D. *Audism Unveiled*. San Diogo / CA: Dawnsignpress, 2008. [DVD, 57 min]

BRASIL. *Decreto nº 7.611*, 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm . Acesso em: 05 jan. 2023.

GODOI, E. A assessoria do AEE para alunos surdos à sala de aula inclusiva e os três momentos didático-pedagógicos - AEE de Libras, AEE em Libras e AEE de Língua Portuguesa. In: Seminário Nacional de Educação Especial, 8., 2019. Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: CEPAE, Núcleo de Acessibilidade da UFU, 2019.

HALL, S. *Cultura e representação*. Trad. de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MOREIRA, M. A. *Teorias de aprendizagem*. 3ed. Rio de Janeiro, LTC ,2023.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 24.ed. São Paulo: Cortez, 2016

SILVA, H.A.P *et al*. O Trabalho desenvolvido na sala de Atendimento Educacional Especializado-AEE através da ludopedagogia. *V Congresso Nacional de Educação*, Olinda, p. 1-5, 17-20 out. 2018. Disponível em: Acesso em: 05 jan 2023..

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez – um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2005a. p.7-32

VERAS, D.S.; DAXENBERGER, A.C.S. Um olhar sobre as contribuições de Lev Vigotski à educação de surdos. *Olhar de professor*, Ponta Grossa, 20(2): 252-269, 2017.

VYGOTSKY, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: WMF, 2010.

VIGOTSKI, L.S.; LURIA, A.R. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 11 ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, L.S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, jan./dez. 2011.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. *Obras escogidas V: fundamentos de defectologia*. Madrid: Machado Libros, 2012.